

A LINGUAGEM ESCRITA E A INTERAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE TRAÇOS DE IDENTIDADE

Cristiane Nunes BORGES*
Djane Antonucci CORREA**

ABSTRACT: This paper aims to study the identity features reconfiguration at writing from the new social environments interaction, more specifically, the academic environment. It is considered that the writing in this space has an important role in social relations and therefore it contributes for the subject identification with the environment. In the writing process the subjects can demonstrate new identity features resulting from the contact with the university community. This study is part of an ongoing research, and on it we discuss a vision of language as constitutive of society, writing and identities as constantly constructed and reconstructed in social relations. From this perspective the subjects are seen as constructs that are constantly renegotiating their identities, acquiring, reconstructing and reconfiguring identity features and showing them at their writing.

KEYWORDS: written language; identity; interaction; social relations.

1. Introdução

Este trabalho apresenta um estudo introdutório¹ sobre a construção de identidades (BAUMAN, 2005; HALL, 2006) decorrente do processo de interação, buscando observar como essa construção pode ser manifestada na linguagem escrita (BALOCCO, 2001, WILSON, 2009). Baseia-se na concepção de Rajagopalan (2003) que aborda o homem como um ser social e também em Galembeck (2002) que aponta que é a partir da interação com os outros que o sujeito adquire sua identidade. Parte-se da premissa de que os processos interativos acontecem por meio das relações sociais (BAKHTIN, 1997). O sujeito pode adquirir aos poucos características identitárias de um novo grupo, devido ao contato e convivência com os membros desse, as quais se misturam com as identidades que o sujeito traz de outras relações sociais.

Considera-se que as atividades comunicativas ocorrem por meio da linguagem e que a escrita é uma dessas atividades, na qual pode ocorrer a interação (ANTUNES, 2003). É também uma das maneiras pela qual o sujeito pode demonstrar seus traços de identidade. Nela, pode-se, portanto, perceber o processo de construção identitária, partindo da proposição de que, a escrita, assim como a identidade, vai se construindo, se modelando de acordo com o desenvolvimento do sujeito em meio a um novo ambiente social.

O presente trabalho é parte de uma pesquisa em desenvolvimento na qual os estudos bibliográficos realizam-se no LET² – Laboratório de Estudos do Texto – da Universidade Estadual de Ponta Grossa. De âmbito epistemológico, atém-se ainda em autores, como

* Mestranda; Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista pela CAPES. E-mail: cris.nborges@gmail.com

** Doutora; Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: djane Correa@uol.com.br

¹ A presente discussão é parte de um estudo que se encontra em desenvolvimento, em meio a um projeto relacionado ao curso de mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

² O “Laboratório de estudos do texto” foi aprovado na Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR - pela Resolução CEPE N.º 217, de 13 de dezembro de 2007. Trata-se de um Programa de Extensão cuja coordenação é da professora Djane Antonucci Correa.

Benveniste (1991), Bourdieu (1998), Britto (2009), Dubar (2005), Fabrício e Moita Lopes (2002), Gnerre (1998), Higounet (2003), Ivanic (1997) e Olson (1997a; 1997b).

2. Linguagem e interação

O ser humano vive em sociedade e nela constrói suas relações socioculturais. Ao pensar em linguagem esse fator social inerente ao homem deve ser levado em conta. Por essa razão, aborda-se neste trabalho uma visão de linguagem inserida nas relações sociais considerando, que esta tem vínculo com o mundo social e é constitutiva da vida social (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002). Conforme observado em Gnerre (1998, p.6) “as regras que governam a produção apropriada dos atos de linguagem levam em conta as relações sociais entre o falante e o ouvinte”.

Para Bakhtin (1997) o fator essencial da comunicação social aparece de maneira mais clara na linguagem. Assim, ela pode ser um fator essencial na estruturação da sociedade, pois, conforme o mesmo autor, toda cadeia verbal, ou seja, todo uso da linguagem, é também social.

Pode-se, a partir disso, estabelecer um vínculo inseparável entre o mundo social e a linguagem, pois para que a sociedade se movimente, construa suas relações é necessário que os sujeitos participantes dela possam inteirar-se. Para que isso aconteça a comunicação tornar-se necessária, a linguagem, uma das formas mais importantes de comunicação, é uma ferramenta crucial e essencial nas relações humanas e conseqüentemente na estruturação social.

Em Bourdieu (1998, p.28) encontramos que “a linguagem é o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas”. Ela, como forma de comunicação verbal, tem grandes potencialidades, exerce diversas funções e tem papéis importantes na vida dos sujeitos imersos e construídos nas redes sociais.

Outro atributo desta é considerá-la uma forma de representar o mundo, ao mesmo tempo em que ela exerce a função de agir no e sobre o mundo. “A ideia de que a função principal e imprescindível da linguagem seja a de representar o mundo está muito fortemente arraigada entre nós e escancaradamente presente em quase todas as teorias linguísticas” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 29). A linguagem não tem sozinha a representatividade nem as capacidades ilimitadas. Depende do uso, da ação, dos conhecimentos e crenças incutidos no sujeito sobre ela e da atividade comunicativa interativa que se dá nas relações humanas.

Há, portanto, ligações intrínsecas entre a linguagem e os meios sociais, desse modo, o sujeito depende dela para fazer parte da sociedade e nela se manifestar. Ao mesmo tempo ela é constitutiva do sujeito por meio das redes de relações sociais.

Em meio à linguagem permeada por essas relações, a palavra é uma unidade constitutiva dela. Bakhtin (1997) abordando o âmbito da palavra relacionada à linguagem aponta que ela é um modo puro de relação social.

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais. (BAKHTIN, 1997, p.41)

Para o autor a palavra, no momento em que é expressa, torna-se um produto da interação em meio às relações sociais. Para que a palavra, e em um âmbito maior, para que

linguagem se constitua é necessária a interação entre sujeitos. Dubar (2005, p.101) ressalta que a linguagem constitui o “pressuposto de toda interação”.

Assim, considera-se que a atividade interativa entre sujeitos é um dos princípios de se viver em sociedade, e conseqüentemente de se comunicar, a relação entre esses é também definida por meio dela. A interação é uma atividade cooperativa. Para que ela aconteça é necessário que os sujeitos estejam dispostos a se relacionar, assim, ela se torna uma ação conjunta. Desse modo, a ação de um sujeito depende da ação do outro, ou seja, “a iniciativa de um é regulada pelas condições do outro” (ANTUNES, 2003, p. 45).

Bakhtin (1997) defende este ponto de vista:

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que ela procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação a coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim em uma extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 1997, p.113, grifos do autor)

Observa-se que autor aborda o âmbito da palavra, a qual é parte estruturante da linguagem. Logo, nela, não há como acontecer a interação sem a colaboração de outros sujeitos envolvidos. No ato comunicativo, por exemplo, os participantes da relação social precisam estar dispostos a interagir. Assim, nas relações sociais interativas, que ocorrem por meio da linguagem, o sujeito se define e vai construindo suas identidades.

3. Identidades socialmente construídas

Ao pensar nas identidades do sujeito é necessário também refletir sobre a subjetividade da linguagem, visto que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1991, p.286). Nela também ele mostra suas marcas de subjetivação, as quais serão consideradas neste trabalho “como a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (Ibid., p.286). Do mesmo modo, ao pensar em subjetividade deve-se considerar que nenhum sujeito é igual ao outro, e sim que ele se define na relação com o outro. Para se valer como tal, ele necessita da relação social, da interação, com os outros (BAKHTIN, 1997). Nessa direção, como já dito, o homem é visto “antes e sobretudo como um ser social” (RAJAGOPALAN, 2003, 51). E é na sociedade e em contato com ela que o sujeito se caracteriza e principalmente constitui identidades.

As identidades se constroem na convivência com os outros. Para Ivanic (1997, p.10, tradução nossa) “a identidade é socialmente construída”³. É nos ambientes sociais em contato com eles e com os outros que dele também participam que a construção identitária acontece. Visto que, o sujeito constrói, modela e remodela suas identidades a partir das relações que faz com as características dos outros.

Sendo assim, conforme Galembeck (2002, p.68), a(s) identidade(s) do sujeito é adquirida “a partir da interação com os outros seres”. É na atividade interativa, no movimento de troca de conhecimentos, crenças, experiências entre sujeitos que as identidades vão sendo estabelecidas.

Aborda-se identidades no plural, considerando, assim como Hall (2006, p.12), que o sujeito “previamente vivido como tendo um identidade unificada e estável, está, se tornando

³ “the identity is socially construed” (IVANIC, 1997, p.10)

fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades”. Essas, de acordo com o desenvolvimento e contatos sociais do sujeito, estão em constante processo de construção.

Para Rajagopalan (2003) elas não são estáticas e estagnadas:

[...] não há mais quem, em sua consciência, acredite que as identidades se apresentem como prontas e acabadas. Pelo contrário, acredita-se, em larga escala, que as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação, de ebulição, elas estão sendo constantemente reconstruídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. (RAJAGOPALAN, 2003, p.71)

O autor acima ainda reafirma que as identidades linguísticas também não são definidas e sim construídas no decorrer do tempo e das relações. Desse modo, a linguagem demonstra as identidades do sujeito que, ao se comunicar, demonstra seus traços identitários.

Bauman (2005) aborda esses traços como peças de um quebra-cabeça incompleto, as quais se encaixam e desencaixam frequente e simultaneamente. O autor argumenta que não há na identidade todas as peças necessárias para montá-la como um todo, nem uma imagem já moldada para apontar o caminho ou um resultado anteriormente conhecido. Desse modo, o quebra-cabeça identitário não é visto como passível de finalização, pois sempre estará em processo de construção, encaixando e desencaixando novas e diferentes peças.

[...] há um monte de pecinhas na mesa que você espera poder juntar formando um todo significativo – mas a imagem que deverá aparecer no fim de seu trabalho não é dada antecipadamente, de modo que você não pode ter certeza de ter todas as peças para montá-la, de haver selecionado as peças certas entre as que estão sobre a mesa, de as ter colocado no lugar adequado, ou de que elas realmente se encaixam para formar a figura final. (BAUMAN, 2005, p.54-55)

Nas reflexões sobre identidade, com as peças que temos, tentamos, tendenciosamente, descobrir se é possível encaixá-las e reencaixá-las. Diferente de um quebra-cabeça, o intuito não é completar, mas os resultados que se pode alcançar com o encontro dessas peças. Resultados estes que nunca serão definitivos, estão em constante reconfiguração, a cada momento podem se encaixar e reencaixar para demonstrar novas e diversas identidades. Desse modo, as identidades não são homogêneas, inseparáveis, mas podem ser construídas por traços que se juntam para construí-las e reconstruí-las.

As novas faces identitárias surgem do que Bauman (2005) chama de pertencimento, para ele “*a ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento*” (Ibid., p.26, grifos do autor). Esse pertencimento pode ser a intenção do sujeito de se tornar participante, de se sentir aceito no meio social que se insere. Assim, devido às novas relações sociais, das quais o sujeito passa a participar, pode-se perceber que a identidade e o pertencimento não são fixos.

[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005, p.17, grifos do autor)

O pertencimento é uma das maneiras de o sujeito se identificar no ambiente social. Estando disposto a buscá-lo, o sujeito conseguirá com mais facilidade adquirir características identitárias do meio e, portanto, a partir de suas decisões, ao tentar se enquadrar, conseguirá se identificar com o espaço.

Devido a essa constante tentativa de identificação como o meio, conforme o referido autor, as identidades não são garantidas por toda vida, são negociáveis e renegociáveis. Isso decorre do meio em que o sujeito se encontra, ou seja, do ambiente de interação. Como exemplo, parte-se da hipótese de acadêmicos recém inseridos na universidade, ou seja, sujeitos que passam a conviver em um novo meio social, interagir e construir novas relações sociais. Estes estão o tempo todo renegociando suas identidades, seja por meio da imposição que um novo ambiente estabelece, seja na busca do pertencimento para consequente identificação.

Para Balocco (2001, p.21) “a construção da identidade não se apoia apenas em significados sociais, mas emerge também das interações no ambiente acadêmico”. Ao abordar a interação advinda das relações sociais entre sujeitos, pode-se dizer que a identidade acadêmica é uma extensão da identidade social, visto que, emerge dela, pois é construída, mesmo se tratando de um ambiente específico, em um meio social.

As identidades do sujeito acadêmico, no decorrer dos anos de graduação poderão ser “renegociadas”, sendo que neste processo o sujeito pode ser percebido como fragmentado (HALL, 2006), pois ele já traz consigo diversas identidades, e por meio da construção de identitária acadêmica as que ele trouxe consigo podem se chocar com as que serão construídas no ambiente universitário.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p.13)

Assim, o graduando, que veio possivelmente procurando reafirmar uma identidade fixa, delimitada, ao se inteirar no meio social da instituição universitária, no decorrer do tempo e das experiências por meio do uso da linguagem, percebe que encontra novas necessidades, as quais, o fazem um construto. Mesmo que o aluno não perceba ou não pare para pensar sobre isso, ao interagir procurando se reafirmar no ambiente, estará constantemente reconstruindo suas identidades, encontrando novas peças para seu quebra-cabeça incompleto por meio das atividades interativas no meio social, especificamente o acadêmico.

4. Escrita como atividade interativa

As abordagens sobre linguagem, sujeito e identidades neste trabalho relacionam-se às atividades interativas e às práticas sociais, conforme já mencionado.

Considerando as interações que podem não ser presenciais (ANTUNES, 2003), ou seja, sem os interlocutores no mesmo lugar, a escrita também é uma atividade interativa, pois nela o sujeito que escreve precisa levar em conta o(s) sujeito(s) a quem pretende atingir. Nessa perspectiva, também o interlocutor do texto escrito deve estar disposto a interagir tanto com as palavras dando-lhes sentidos como com o produtor do texto.

Embora o sujeito com quem interagimos pela escrita não esteja presente à circunstância da produção do texto, é inegável que tal sujeito existe e é imprescindível que ele seja levado em conta, em cada momento. Ou seja, a escrita pelo fato de não requerer a presença simultânea dos interlocutores em interação, não deixa de ser um exercício da faculdade da linguagem. Quem escreve, na verdade, *escreve para alguém*, ou seja, está *em interação com outra pessoa*. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto e de como fazê-lo”. (ANTUNES, 2003, p.46, grifos da autora)

Nesse modo de interação verbal acontece o que Antunes (2003, p.51) chama de “recepção adiada” uma vez que os sujeitos atuantes da atividade comunicativa não ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo. Embora não aconteça na presença concomitante de todos os sujeitos participantes a interação tem por caráter principal a cooperatividade desses, pois, sem as relações sociais não há como ela acontecer. Na linguagem escrita o fato de não acontecer a presença simultânea dos interlocutores não descaracteriza seu caráter interativo.

Relacionada à interatividade, a linguagem escrita não é apenas uma maneira de fixar a palavra falada usando um código, ou seja, mera transcrição da fala. Para KITTAY (1997, p.179) ela “vai além da decodificação”. Por meio dela, é possível ter consciência do papel da linguagem na sociedade. Segundo Olson (1997a, p.13) “a escrita contribui não só para o nosso entendimento do mundo como de nós mesmos”. A escrita tem relação estrita com a linguagem e o pensamento e por meio dela o sujeito pode ter consciência de si e se identificar no mundo. Conforme o mesmo autor “[...] ler e escrever têm um papel em relação ao pensamento. Ao lidar com a língua escrita, seja lendo ou escrevendo, toma-se consciência de duas coisas simultaneamente, do mundo e *da linguagem* (OLSON, 1997b, p.281, grifos do autor)

Nessa perspectiva, ao considerar o papel da escrita e sua importância nas representações do mundo e da linguagem, pode-se perceber os sujeitos envolvidos na cadeia social. Um outro autor que defende a ideia de que a escrita é intrínseca à civilização e ajuda a defini-la é Higounet (2003), conforme podemos observar no fragmento abaixo:

[...] a escrita não é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. (HIGOUNET, 2003, p.10)

O mencionado autor, ainda afirma que a escrita é um artefato social da civilização. Portanto, conforme as abordagens discutidas, para ser interacional a escrita considera, além das relações entre sujeitos, os traços identitários do produtor, o qual é o responsável pelo texto, muitas vezes demonstrando nele suas singularidades. Sendo assim, a escrita é uma das atividades comunicativas da linguagem em que podem ser percebidas identidades do sujeito.

A escrita não é neutra e apresenta traços linguísticos e discursivos de subjetividade a partir das escolhas feitas pelo produtor do texto, escolhas estas que conformam e interagem com os aspectos sociais, culturais e institucionais [...] responsável pela construção identitária. (WILSON, 2009, p.99)

Estar imerso em uma sociedade letrada é uma das maneiras do ser humano se mostrar, se colocar e se adaptar ao mundo e assim se sentir participante da relação social encontrando seu espaço.

Poder ler e escrever, interagir com os textos escritos e com conhecimentos e informações que se veiculam por meio deles, operar com os referenciais que se constituem na tradição cultural da escrita, tudo isso é condição essencial de participação social (BRITTO, 2009, p.17)

Dessa forma, o produtor do texto escrito, que pretende se encaixar as exigências do meio social, ao obter convivência com esse espaço adquire traços identitários dele, usando-os como suporte para sua escrita, por meio desse processo ela se torna interativa, e assim o

sujeito busca o pertencimento ao ambiente que está se inserindo. Como na sociedade atual é difícil viver sem fazer o uso da escrita, ela se torna um fator importante na inserção e na integração do sujeito nos diversos meios sociais. Segundo Britto (2009 p. 18) a atividade escrita é “particularmente significativa no processo de constituição da consciência, de estabelecimento dos valores e nas formas de intervenção no tecido social”.

5. Identidades na escrita acadêmica

Um dos meios em que o uso da escrita é essencial é o ambiente acadêmico, o qual exige o desenvolvimento e aquisição de novos conhecimentos do sujeito. Abordando uma visão social da escrita Balocco (2001, p.2) destaca a “escrita acadêmica como um processo de construção da identidade”.

No mencionado exemplo do ambiente acadêmico. Para que haja a interação por meio da escrita, supõe-se que o aluno procura cada vez mais se adaptar ao meio em que, no momento, está inserido, adquirindo traços identitários da comunidade acadêmica e repassando o que apreendeu para seu texto escrito em um processo de socialização, reconstruindo e reconfigurando novas peças para o seu quebra-cabeça identitário.

Quando isso ocorre, o princípio da interação por meio da escrita aconteceu, pois o acadêmico procurou escrever de acordo como o que o meio social acadêmico exige e terá, dessa maneira, mais condições de interagir com os leitores desse gênero, o acadêmico. Segundo Ivanic (1997) por meio do contato com os outros membros do grupo e da adaptação a este, o sujeito se enquadra na escrita acadêmica. “A única maneira que um membro aprendiz de uma comunidade pode aprender a se tornar um membro pleno é copiando, adaptando e sintetizando o trabalho de outros membros”.⁴ (IVANIC, 1997, p.4, tradução nossa).

Assim, com a escrita há a possibilidade de se perceber traços identitários. Ela, em determinado contexto como o acadêmico, é uma atividade que proporciona a integração, pois para se adaptar ao meio o sujeito procura se interar às normas de escrita vigentes na comunidade. Desse modo, por meio da relação que faz com textos dos outros produz os seus com suas identidades, os quais também podem ter novos traços identitários devido a essa interação com ambiente e ao mesmo tempo possuir as particularidades do sujeito. Dentre eles a maneira de escrever, as escolhas vocabulares, a temática selecionada para discussão relacionada aos autores elegidos para legitimar o debate e certas especificações da escrita do espaço universitário.

A necessidade de pertencer ao meio é o que também moverá a reconfiguração identitária da escrita. A identificação com o ambiente acadêmico será mais uma peça que contribuirá para a montagem do quebra-cabeça identitário. Segundo Ivanic (1997, p.8, tradução nossa) “[...] estudantes adultos sentem que a responsabilidade está com eles para mudar a fim de se identificar com as instituições em que estão entrando”⁵. Com esse sentimento responsivo, o aluno buscará cada vez mais seu pertencimento ao meio, atribuindo a si, ao seu desempenho e desenvolvimento em relação a integração com o ambiente, o encargo da identificação. A escrita, uma das maneiras de demonstrar o processo de pertencer ao meio, é observada como socialmente construída (IVANIC, 1997), pois, ela caminha junto ao processo de reconfiguração identitária do sujeito.

Neste contexto acadêmico:

⁴ “The only way an apprentice member of a community can learn to become a full member is by copying, adapting and synthesizing from the work of the other members” (IVANIC, ..., p.4)

⁵ “[...] mature students felt that the onus is on them to change in order to identify themselves with the institutions they are entering. (IVANIC, 1997, P.8)

escrever não é uma habilidade neutra, mas um ato sócio-político de identificação no qual as pessoas são construídas a partir dos recursos discursivos em que estão desenhando a construção de sua própria identidade discursiva em relação ao seu contexto social imediato [...] ⁶ (IVANIC, 1997, p.345, tradução nossa).

Essa construção identitária escrita é um processo contínuo que acontece no decorrer do tempo e da interação em meio às relações sociais com o espaço acadêmico. Conforme aponta Balocco (2001) esse processo não é fácil, nem acontece rapidamente. “A construção da identidade no discurso acadêmico é um processo complexo, que envolve o aprendiz em inúmeras atividades ou eventos sociais” (BALOCCO, 2001, p.2).

Essas diversas atividades podem ocorrer de maneira inusitada, sem que o aluno esteja esperando ou preparado para isso, a construção identitária da escrita acadêmica pode não ser algo estável e provável. Assim como a identidade, citada por Rajagopalan (2003), ela também está em constante processo de transformação e ebulição sendo constantemente reconfigurada, adaptada e readequada às novas circunstâncias e situações de interação que possam surgir.

6. Considerações finais

Uma das maneiras de o sujeito ter oportunidade de adquirir novos traços identitários será na inserção em um novo meio social, pois haverá a necessidade de identificação. Para se introduzir no ambiente, o sujeito, inserido em novas situações, interage com outros já pertencentes a esse espaço social.

Essas novas faces identitárias surgem da busca pelo pertencimento (Bauman, 2005). Sendo assim, a identificação pode acontecer como consequência dos atos do sujeito no ambiente social. A reconfiguração de traços identitários ocorrerá na interação, quanto mais o sujeito estiver disposto a buscar o “pertencimento” mais características desse meio ele poderá adquirir.

Na linguagem escrita, a interação é um fator importante para a aquisição e reconfiguração destes novos traços, pois a construção de identidades na escrita se dá por meio das relações interacionais entre sujeitos nos ambientes sociais. Como consequência dessa interatividade, para se sentir membro e aceito, o sujeito pode revestir-se com novos traços identitários decorridos das relações com o meio em que está se inserindo, demonstrando, conseqüentemente, esses em sua escrita.

Na inserção em um espaço social, as condições que proporcionam a apreensão de novos traços de identidade são promovidas por meio das atividades comunicativas, sendo a escrita uma dessas atividades, ela dá essa oportunidade. Nela pode-se perceber as peças do quebra-cabeça identitário de Bauman (2005) trabalhando para construir novos significados nas identidades do sujeito.

Ela é, analogamente, umas das formas de se trabalhar com as peças do quebra-cabeça, montando-o inusitadamente, em um movimento constante. Sendo assim, as identidades podem se construir por meio da interação e este evento pode ser percebido em situações de uso da linguagem escrita.

O ambiente acadêmico é bem propício à reconfiguração de traços identitários, pois é um dos lugares onde pode ocorrer grande apreensão de conhecimentos tanto intelectuais como interligados às relações pessoais. Nas atividades comunicativas desse meio, a escrita tem

⁶ Writing is not a neutral skill, but a socio-political act of identification in which people are constructed by the discursival resources on which they are drawing construct their own discursival identity in relation to their immediate social contexto [...] (IVANIC, 1997, p.345)

importância significativa, é usada nas mais diversas situações acadêmicas. Desse modo, ela, assim como as identidades, se constrói nessas relações.

Por essas razões, em meio à convivência com a escrita acadêmica, e a partir da interação com o meio universitário, o sujeito poderá também manifestar novos traços identitários em sua escrita, os quais podem se identificar com as características da escrita acadêmica. Assim pode-se perceber que o aluno agencia, em sua escrita, especificações identitárias decorrentes do meio social.

Referências

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução, Michel Lahud; Yara Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução Maria Luiza Neri; Maria Isaac Nicolau Salum. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Educação linguística escolar: para além das obviedades. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (Orgs.). *Estudos da linguagem e currículo: diálogos (im)possíveis*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. *A construção da identidade no discurso acadêmico: o papel da avaliação no discurso de estudantes de literatura estrangeira*. Revista Gragoatá n. 11 UFF, RJ, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FABRÍCIO, Branca Falabella; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas*. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos. V. 6, n. 2, p.11-29, 2002.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. Marcas da subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- IVANIC, Roz. *Writing and Identity: the discursive construction of identity in academic writing*. Philadelphia: John Bejamins, 1997
- KITTAY, Jeffrey. Pensando em termos da cultura escrita. In: OLSON, David & TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1997.
- OLSON, David R. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997a.
- _____. A escrita como atividade metalinguística. In: OLSON, David & TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1997b.



Anais do IX Encontro do CELSUL
Palhoça, SC, out. 2010
Universidade do Sul de Santa Catarina

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

WILSON, Victória. A construção discursiva e identitária na escrita acadêmica. In:

ALMEIDA, Fernando Afonso de; GONÇALVES, José Carlos (orgs.). *Interação, conceito e identidade em práticas sociais*. Niterói: EDUFF, 2009.